

O Mar

6/1/54

N^o meu tempo de ginásio a gente estudava português em um livro chamado «Céu, Terra e Mar», que era uma antologia. Lembro-me que ali havia um trecho do discurso de recepção do almirante Alexandrino na Academia Brasileira de Letras. O autor, não me lembra mais. Acontece, entretanto, que minha memória, que é das piores e das mais arbitrárias, guardou algumas palavras do discurso: «O mar! Ele representava para os gregos, como para todos os povos civilizados, um daqueles sentimentos em que fomos buscar, Almirante, o motivo de vossa admissão à Academia».

Pode ser que não esteja rigorosamente fiel, mas creio que sim. Decorei isso porque achei bonito. Bonito por quê? Talvez pela exclamação inicial — «O mar!» — talvez também pela força vocativa do «Almirante» entre vírgulas. De qualquer maneira o que me impressionou foi a forma e não o sentido — pois nem sequer me lembro mais qual era «um dos daqueles sentimentos em que fomos buscar», etc.

Essa frase lida há tanto tempo me voltou à memória no dia primeiro do ano, pela manhã, quando encontrei a praia coalhada de flores brancas que as adoradoras de Iemanjá haviam lançado às ondas pela meia-noite. Contaram-me que para lutar contra esse crescente prestígio de Dona Jandina um sacerdote de Copacabana organizou uma procissão que correu toda a praia à meia-noite, levando uma imagem de Nossa Senhora. E que as mulheres de bata branca, adoradoras de Iemanjá, deixaram um instante sua deusa na água azul para virem se ajoelhar e rezar uma prece à passagem da Santa; mas depois voltaram para a beira do mar...

«Um daqueles sentimentos em que fomos buscar, Almirante...» Estou lendo hoje uma severa advertência do cardeal d. Jaime de Barros Câmara contra aquelas pessoas que se julgam católicas e que assistem a essas cerimônias pagãs, exortando-as a que «se afastem das praias nas noites de passagem do ano e, se não preferirem ficar em seus lares, se dirijam às Igrejas paroquiais, onde naquela mesma hora se estão celebrando Missas».

A Igreja tem lá suas razões, que não discuto. Acho apenas que essa advertência do cardeal só terá alguma eficácia se for seguida de uma campanha muito séria e vigorosa no próximo dezembro. O piedoso truque de promover uma procissão da Virgem Maria ao longo da praia não parece ter produzido o efeito esperado, pois o cardeal aconselha os fiéis a que se afastem das ondas pecaminosas. De qualquer modo, empreendendo uma luta contra Iemanjá, o cardeal não deve esperar um êxito fácil. Ela representa algo de forte no espírito humano — «um daqueles sentimentos em que fomos buscar, Almirante...»

É um sentimento primário e misterioso, um regresso às fontes da vida, uma busca de horizontes sem fim, uma libertação e uma purificação — algo que nos faz estremecer de maneira inexplicável a esta simples exclamação: «O mar!» — sejamos gregos, católicos, acadêmicos, troianos, ou capixabas...